

Seminário 1

DISCIPLINA: Ideia, Método e Linguagem

PROFESSORA: Sônia Afonso

EQUIPE:

Andréia Maia

Keila Tyciana Peixer

Luciana Noronha Pereira



1/43

In COMAS, Carlos Eduardo
(org). *Projeto Arquitetônico – disciplina
em crise, disciplina em renovação*. São
Paulo, Projeto Editores/CNPq, 1986.



2/43

SILVA, Elvan.
**Sobre a renovação do
conceito de projeto
arquitetônico e sua
didática.**

Arquiteto (UFRGS, 1963), foi professor titular, mestre em arquitetura e doutor em sociologia, ex-diretor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, professor visitante da FAU Ritter dos Reis, pesquisador e membro do Comitê Assessor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Faleceu em abril de 2006.

Biografia Resumida

Figura 1: Elvan Silva
FONTE: CONFEA, 2012.



3/43

Texto apresentado originalmente no
I Encontro sobre Ensino de Projeto Arquitetônico,
realizado na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em 1985.

O objetivo do encontro era discutir o aprimoramento da
formação do arquiteto nas escolas de arquitetura que
envolve necessariamente o ensino de projeto arquitetônico.

Segundo Silva (1985) o lema informal do encontro é o de
“crise e renovação.”

Constitui uma contribuição visando a renovação do
pensamento disciplinar, tanto para quem ensina como para
quem produz arquitetura.



4/43

I. Caracterizando o conceito de crise

5/43



Ampliação **progressiva do**
contexto
utilizada como desculpa para a
inação.

Quando a crise não pode ser
solucionada no âmbito das
pessoas envolvidas no problema,
este permanece irresoluto e tudo
permanece na mesma situação,
garantindo a “crise” uma
sobrevida inesperada.



Crise do Mundo Ocidental
Crise Cultural do 3o Mundo
Crise Cultural do País
Crise no Ensino Superior
Crise no Ensino de Arquitetura
Crise no Ensino da Faculdade
Crise na Disciplina

Figura 2: Ampliação progressiva do contexto

FONTE: Adaptado pelos autores a partir de SILVA, 1985, p.17 e CRIANCICES, 2012.



Figura 3: Desculpa para Inação

FONTE: Adaptado pelos autores a partir de SILVA, 1989 e CONTA OUTRA, 2012

1. Caracterizando o conceito de crise

Para a solução de qualquer problema, é primordial dimensionar seu contexto de acordo com o alcance efetivo de nossa capacidade de intervenção.

Segundo Silva (1985), quando falamos em crise no ensino do projeto arquitetônico, **não devemos ampliar demasiadamente os limites do campo na qual a mesma se localiza.**

1. Caracterizando o conceito de crise

O que entendemos por crise ?

Para Silva (1985) a crise existente no ensino do projeto arquitetônico observa-se a partir do momento que constata-se que a didática não acompanhou com a mesma velocidade, a evolução doutrinária ocorrida no pensamento arquitetural contemporâneo.

I. Caracterizando o conceito de crise

O projeto arquitetônico é considerado em amplos setores como o exercício de uma atividade artística. (Silva, 1984)

A origem da crise no ensino do projeto arquitetônico está na insistência de uma didática ultrapassada.

Segundo o autor há um problema fundamental que desencadeia esta crise: “se em uma disciplina não há um corpo doutrinário extenso e explicitamente codificado, não há uma didática para seu ensino.” (p.18)

2. O Conceito de composição no processo projetual

11/43



A omissão da doutrina modernista em relação à prática do projeto.

- A renovação doutrinária é morosa a exemplo a apropriação da doutrina modernista somente após a 2ª GM (1945) sendo que a grande difusão do movimento teve início no fim da 1ª grande guerra (1918).
- O “estatuto” modernista ocupou-se da forma mas descuidou da questão da produção enquanto fenômeno sócio-econômico, e do processo de concepção, enquanto posicionamento ideológico e pragmático.

2. O Conceito de composição no processo projetual

A omissão da doutrina modernista em relação à prática do projeto.

-O modernismo ortodoxo preconizava produção de uma nova arquitetura em conformidade com academia e como empregar a composição para criar uma arquitetura que materializava a idéia de decomposição.

13/43



2. O Conceito de composição no processo projetual

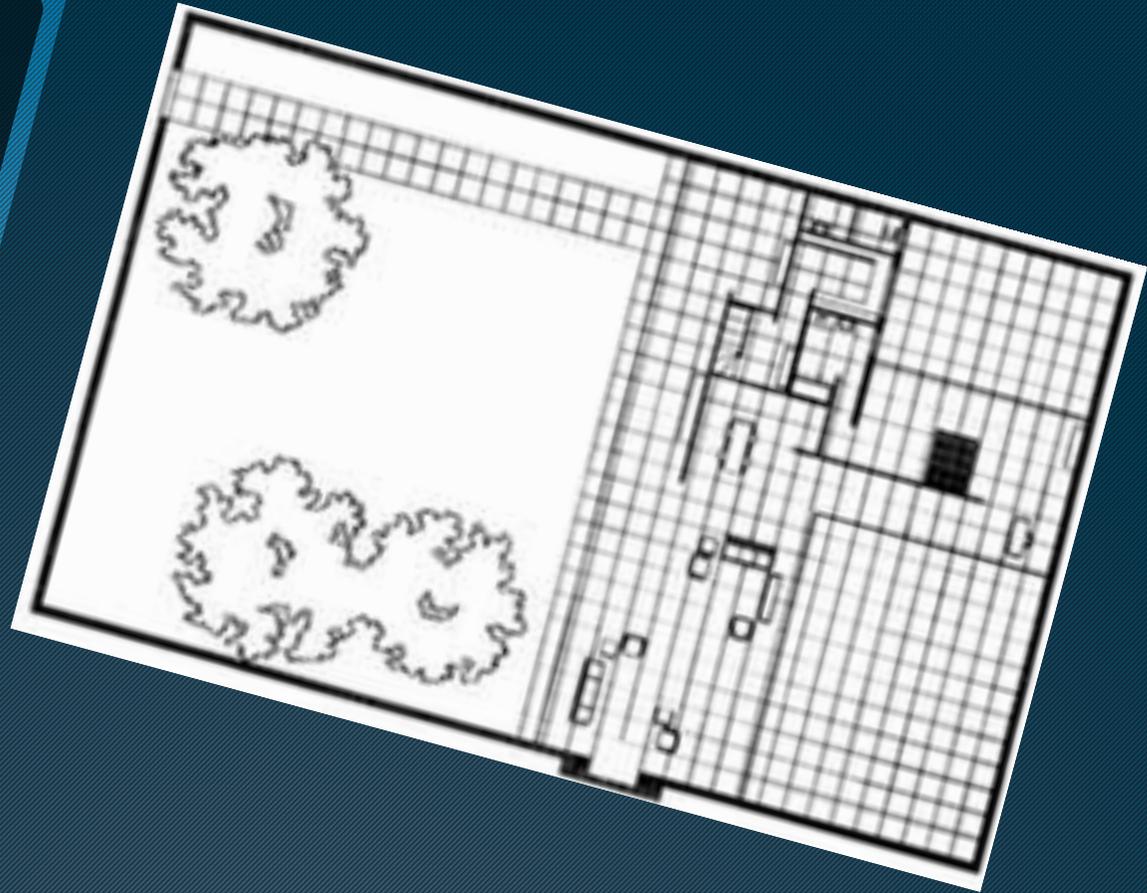


Figura 4: Síntese formal – Casa com três pátios de Mies van der Rohe, 1934.
FONTE: Adaptado pelos autores a partir de Silva, 1985, p. 21. e CARTER, 1999.

14/43



2. O Conceito de composição no processo projetual

A composição elementar na tradição acadêmica.

- Segundo Gadet *in* elementos da teoria da arquitetura, “compor é por juntas, unir, combinar as partes de um todo. Essas partes são os elementos da composição e assim como irão realizar suas concepções com paredes, aberturas, abóbodas, telhados – todos elementos da arquitetura – estabelecerão sua composição com quartos, vestíbulos, saídas e escadas. Esses são os elementos da composição.”

2. O Conceito de composição no processo projetual

A composição elementar na tradição acadêmica.

- Gadet confirmava seu antecessor Durand que dizia: “todo edifício não é e nem pode ser outra coisa se não a combinação de partes mais ou menos numerosas; não se pode montar, combinar se não aquilo de que se pode dispor. Para poder compor o todo e um edifício qualquer, deve-se antes de tudo, adquirir um perfeito conhecimento de todas as partes que podem entrar na composição de todos os edifícios.”

16/43



2. O Conceito de composição no processo projetual

A composição elementar na tradição acadêmica.

- Aqui a composição consolidava-se num catálogo que englobava os instrumentos e técnicas da arte de desenhar, sistemas de proporções, paredes e suas aberturas, as ordens clássicas, as plantas tipo, tetos, escadas, cornijas etc. Compor seria então combinar em determinado projeto, elementos selecionados dentro de um repertório finito e em obediência a regras ou cânones homologados e explícitos, ainda que arbitrários ou convencionais (Banham).

17/43



2. O Conceito de composição no processo projetual

O conceito de composição depois da tradição acadêmica.

- O modernismo considerou a idéia da composição como algo permanente e inquestionável. Por isso não se ocupou da renovação dos processos projetuais.
- Quem se preocupava com essa temática era Gropius que em 1925, constatando a emergência de um estilo Bauhaus disse que “isso era o oposto do que pretendiam. A meta não era propagar um estilo qualquer, mas exercer influência viva no design.”

18/43



2. O Conceito de composição no processo projetual



Figura 5: Walter Gropius e a Bauhaus.

FONTE: Adaptado pelos autores a partir de Silva, 1985, p. 21 e LEAL, 2012.

19/43



2. O Conceito de composição no processo projetual

O conceito de composição depois da tradição acadêmica.

- Mesmo com a proposição de renovação do ensino do processo de projeto pela Bauhaus o resultado foi um hibridismo didático formado pela tradição da Escola Nacional de Belas Artes com a Bauhaus.
- Neste contexto a habilitação projetual é ensinável ou não? A resposta na concepção acadêmica era negativa;

2. O Conceito de composição no processo projetual

O conceito de composição depois da tradição acadêmica.

- Guadet dizia “a composição não se ensina, ela não se aprende a não ser através de ensaios múltiplos, dos exemplos e dos conselhos, e da experiência própria se superpondo à experiência alheia.”

-Mário Salvatori em 1974 afirmava que “a arquitetura não pode ser ensinada, realmente (é por isso que não há boas escolas de arquitetura). Mas a arquitetura pode ser aprendida (é por isso que existem bons arquitetos).”

2. O Conceito de composição no processo projetual

O conceito de composição depois da tradição acadêmica.

- Como e pode aprender algo que não é ensinável?
- Um caminho está na caracterização das aulas da disciplina de projeto como exercício de treinamento da criatividade, de aperfeiçoamento de capacitações, como preexistentes no psiquismo do estudante. Gaudet falava “esse modo de criação, que derruba as teorias e os métodos da lógica tradicional, que contesta Bacon de Descartes, é a intuição, a verdadeira gênese da idéia artística.”

2. O Conceito de composição no processo projetual

O conceito de composição depois da tradição acadêmica.

- Essa concepção é popular e justifica os alunos mais bem dotados, possuidores da chamada vocação ou talento. Esses alunos conseguem melhores resultados e são menos dependentes dos seus professores. Segunda essa teoria quanto menor a dependência do aluno em relação ao seu mestre, melhor.
- Entretanto, qual a função de se discutir crise no ensino do projeto se assim fosse?

3. O projeto na estrutura institucional do ensino de arquitetura

23/43



TEORIA VERSUS PRÁTICA, UMA ANTÍTESE ARTIFICIAL.

○ autor parte do princípio de que
o problema se inicia na própria
ausência da disciplina projetual
cientificamente estruturada
enquanto área do conhecimento
(p. 24).

Le Corbusier proclama, publica
manifestos, organiza viagens e
afirma haver um espírito novo

Já Walter Gropius em sua escola,
buscava transformar sua teoria numa
didática precisa e afirmava:

“é mais importante ensinar um
método, de raciocínio que meras
habilidades”

(Gropius, apud SILVA, 1985. p.24)

**Teoria versus prática,
uma antítese
artificial.**



24/43

- “ O problema do ensino institucional que relaciona diversas e inúmeras disciplinas
- “ Que se contrapõe à prática projetual enquanto síntese integradora
- “ Nesse sentido, a separação didática torna-se necessária não como divisão das áreas do conhecimento, mas como forma de organizar a sua transmissão (p. 25)

**Teoria versus prática,
uma antítese
artificial.**



25/43

☞ “ A caracterização do ensino em domínios teóricos e domínios práticos, não é apenas inevitável, mas é racional” (p. 25)

☞ O atelier como espaço destinado ao treinamento e à síntese dos conhecimentos adquiridos, mas que deveria ser conduzido pelo professor

**Teoria versus prática,
uma antítese
artificial.**



26/43

- “ "Aprender arquitetura é uma questão da esfera cognitiva e
- “ aprender fazer arquitetura é uma questão das esferas cognitiva e operativa. [...]
- “ O exercício aprimora a técnica, mas não a cria” (p. 25)

**Teoria versus prática,
uma antítese
artificial.**



27/43

☞ Para levar a cabo o processo de renovação, a disciplina projetual não deveria ser entendida meramente como acumuladora dos conhecimentos teóricos adquiridos.

☞ Nesse sentido, mais importante seria tratá-la como, a partir da abordagem científica do processo de projeção, fonte de aquisição de repertório particular

**Ensino Ativo e
Orientação Reativa**



28/43

- ☞ Know how “é um tipo de saber que não pode ser codificado e nem adquirido mediante métodos discursivos”
- ☞ Transmitir Know How através da apresentação de exemplos e demonstração e da Prática Concreta
- ☞ Nesse sentido, Prática Concreta e Simulação Prática, não são a mesma coisa

**Ensino Ativo e
Orientação Reativa**



29/43

« A Prática Concreta tem sua interação com o contexto real, já a Simulação Prática pode sofrer devios conceituais devido à falta de informações de um contexto hipotético.

« Para minimizar esta falta de informações apresenta-se a orientação corretiva.

« Entretanto, esta prática tem se resumido a um papel reativo assumido pelo docente, sendo insuficiente do ponto de vista didático.

**Ensino Ativo e
Orientação Reativa**



30/43

“Ao professor deveria caber um papel ativo, orientativo.”

Mesmo que a criatividade não possa ser ensinada, existe uma doutrina projetual que deveria ser transmitida.

Incluindo o conjunto de rotinas instrumentais e técnicas que fazem parte do processo de projeção arquitetônica, capazes de ser transmitidas através de uma abordagem teórica

Ensino Ativo e
Orientação Reativa



31/43

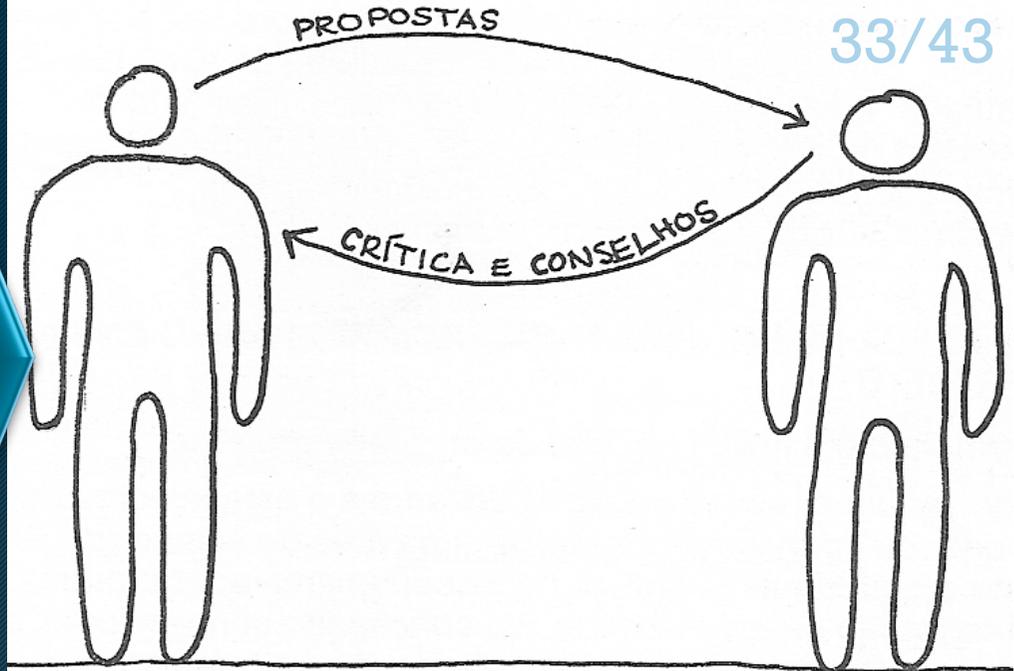
“A excelência de um projeto não é resultado do acaso. Se o projeto é o esforço racional para solucionar determinado problema, deve implicar algum tipo de conhecimento organizado, ou organizável” (p. 28)

Ensino Ativo e
Orientação Reativa

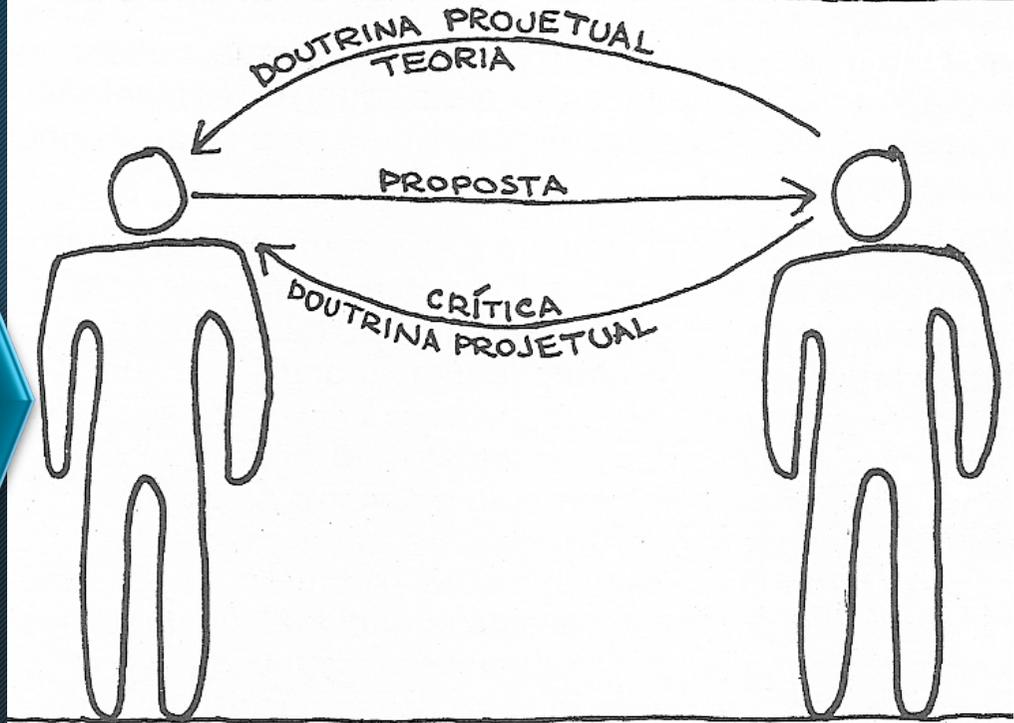


32/43

Orientação Reativa



Ensino Ativo



ALUNO

PROFESSOR

Figura 6: Modalidades de ensino de projeto.
FONTE: SILVA, 1985, p. 27

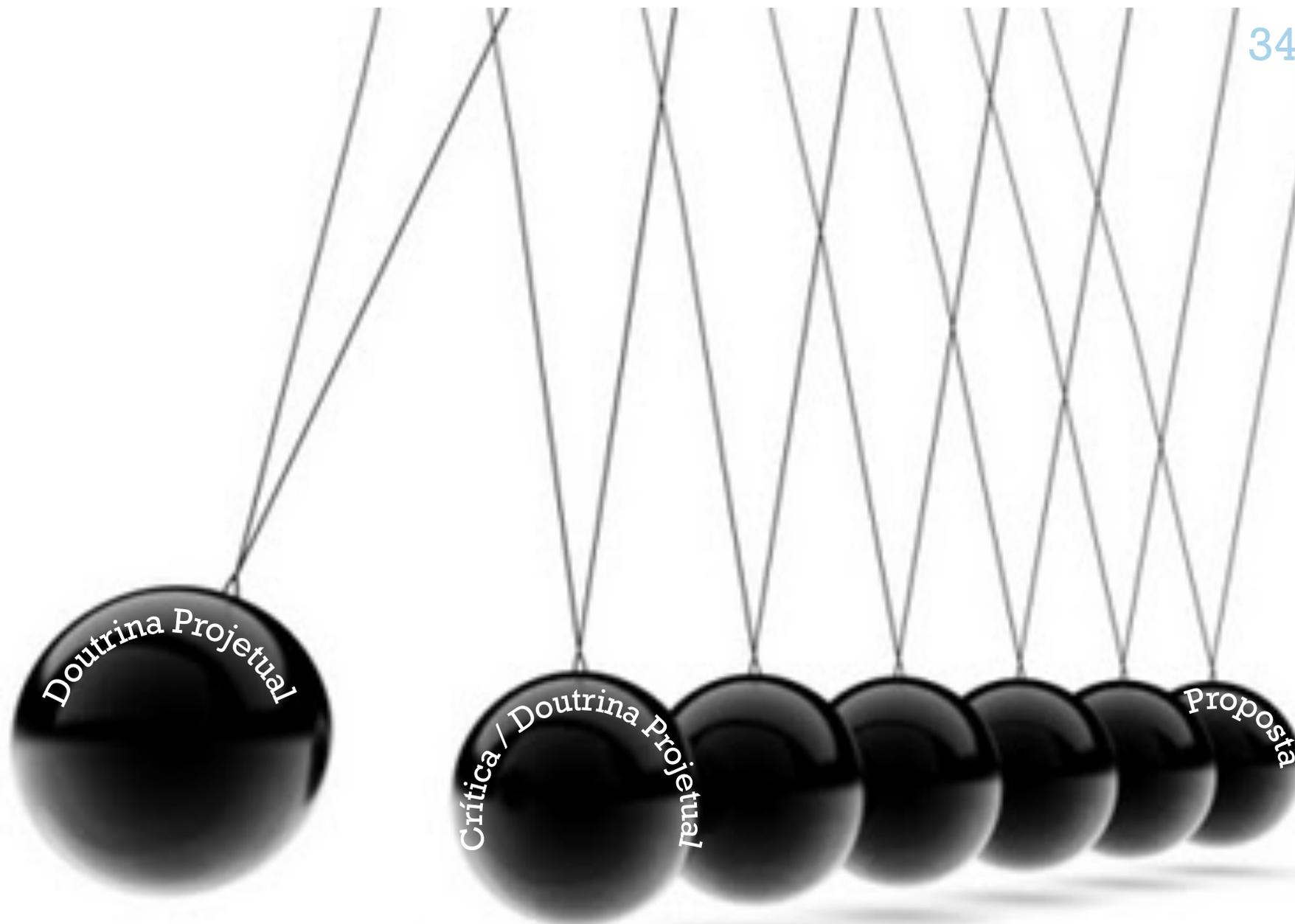


Figura 7: Modalidades de ensino de projeto

FONTE: Adaptado pelos Autores a partir de SILVA, 1985, p. 27 e MARI FUXICO, 2012

4. Em busca de um corpo doutrinário para o ensino de projeto

Concepção convencional : criatividade

Fenômeno psicológico vago e misterioso: derivado de categorias como inspiração, talento ou intuição (fatores não codificados, nem ensináveis).

Concepção que pode ser representada pela figura da “caixa preta”.

4. Em busca de um corpo doutrinário para o ensino de projeto

Simboliza um dispositivo do qual se desconhece o funcionamento. Esta associação é insatisfatória e deve ser substituído, buscando esforços para a renovação do ensino do projeto arquitetônico: substituir a “caixa preta” por uma “caixa de vidro” (transparência do processo).

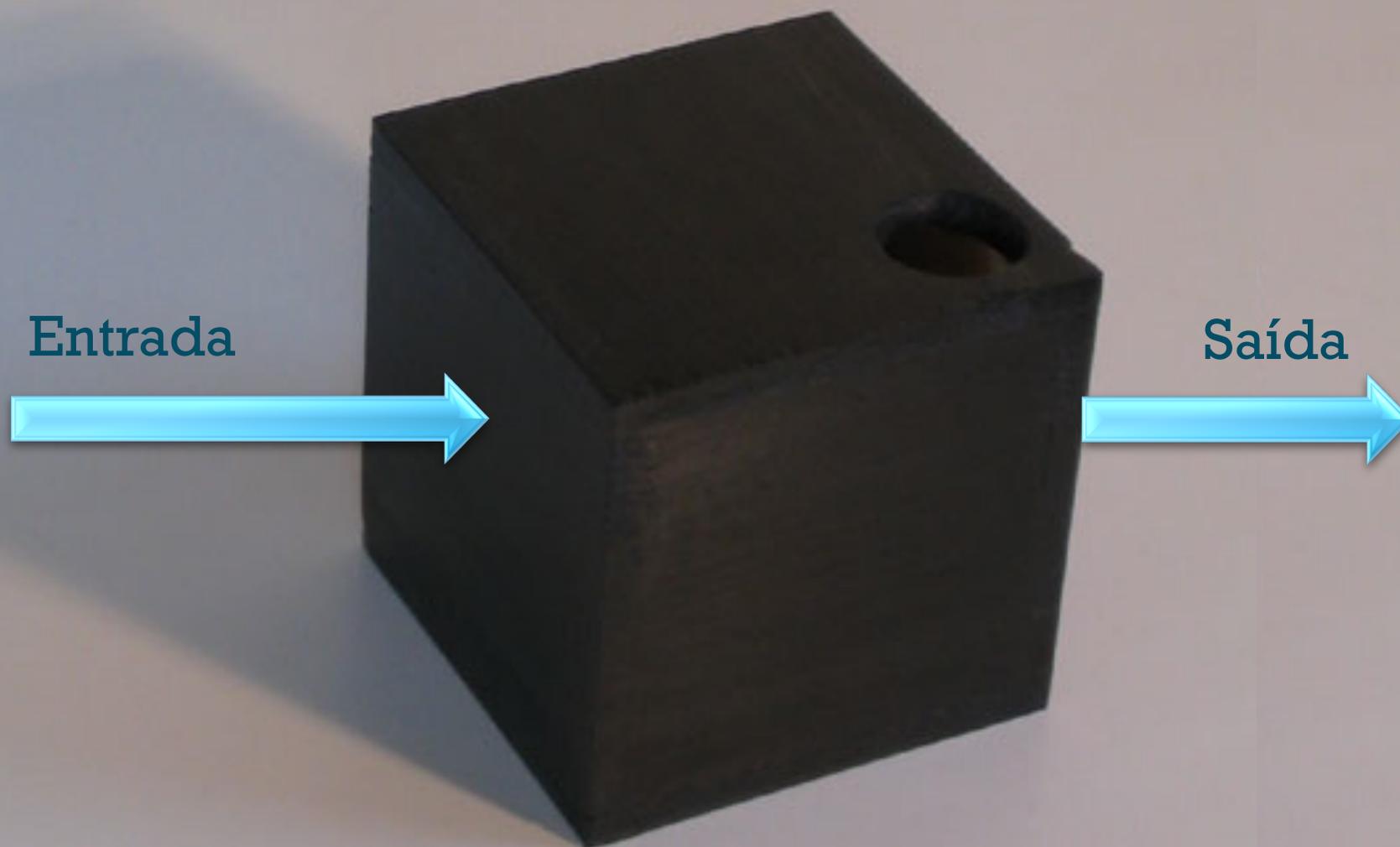


Figura 5: Caixa Preta

FONTE: Adaptado pelos autores a partir de SILVA, 1985, p. 29 e O ESQUEMA, 2012.

4. Em busca de um corpo doutrinário para o ensino de projeto

Estabelecer para o ensino do projeto arquitetônico, conteúdos científicos e instrumentais que fundamentam a atividade projetual de modo subjacente, discreto, mas cognoscível. (SILVA, 1985, p. 29)

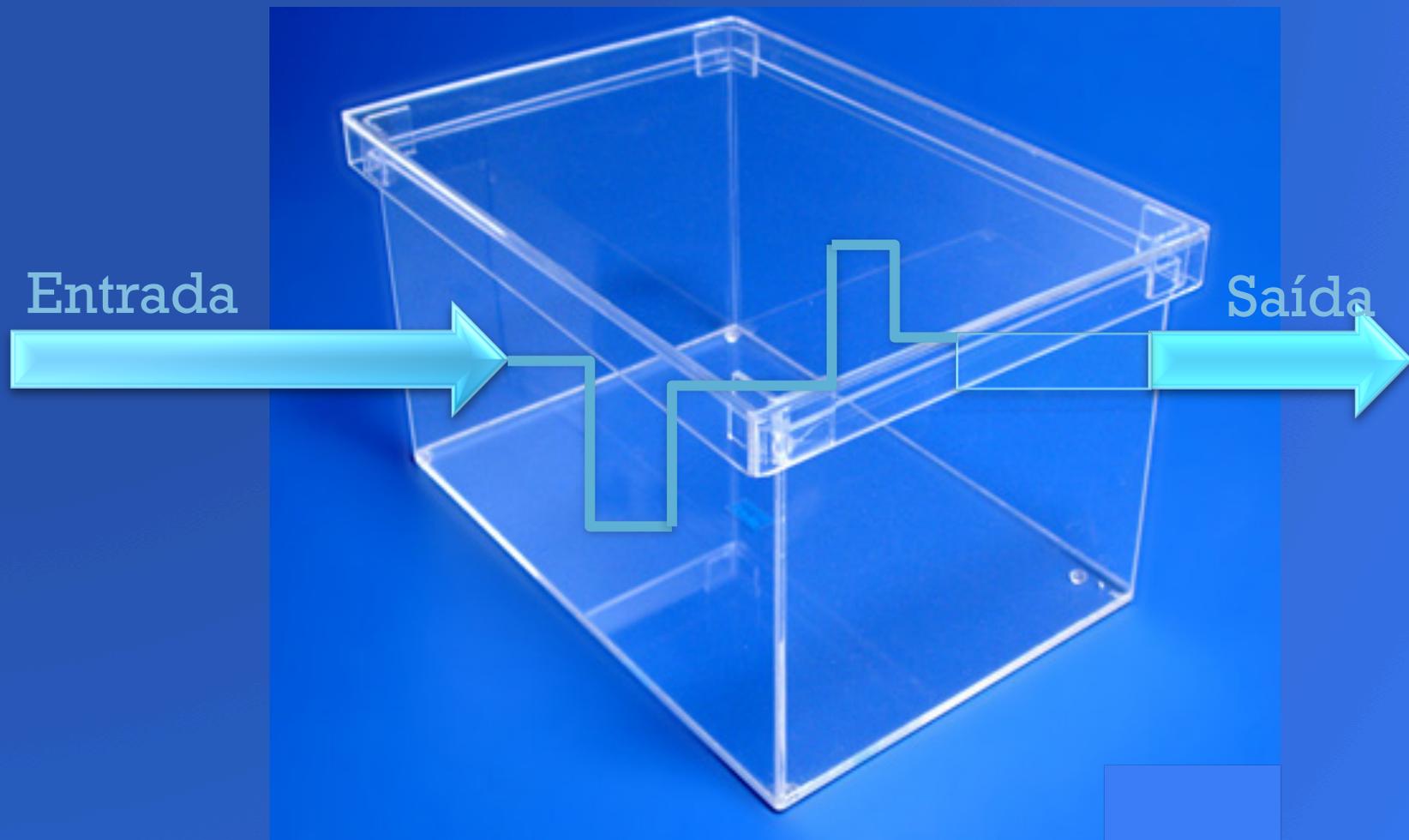


Figura 6: Caixa de vidro

FONTE: Adaptado pelos autores a partir de SILVA, 1985, p. 29 e SAVION, 2012.

4. Em busca de um corpo doutrinário para o ensino de projeto

A doutrina modernista não produziu uma teoria diferente da legada pelo academismo.

“A concepção tradicional resiste, quem sabe se por ser mais confortável?” (Silva, 1985, p. 29)

Mario Zingales (1978)

Muitos profissionais recusam-se a desenvolver propostas para o melhoramento da criatividade, bem como as teorias que as justificam e as endossam.

4. Em busca de um corpo doutrinário para o ensino de projeto

Esta atitude pode ter origem no desejo oculto de considerar o processo criativo como não transmissível.

Atitude esta que não pode ser posta em prática por professores.

“O uso de estruturas lógicas para representar problemas de projeto tem uma consequência importante. Traz consigo a perda da inocência.” (ALEXANDER, 1971)

42/43



4. Em busca de um corpo doutrinário para o ensino de projeto

“(…) o papel do ensino
e precisamente o de
converter inocência em
capacidade”
(Silva, 1985, p. 30)



REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, C. Ensayo sobre la síntesis de la forma. Buenos Aires, Infinito, 1971, p.15.
- CONFEA. Fotografia Elvan Silva. Disponível em: <<http://site2.confea.org.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4186&pai=4&sid=480&sub=197&tpl=printerview>>, Acessado em: 21 jun 2012.
- SILVA, E. **Uma introdução ao projeto arquitetônico**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1984.
- CRIANCICES. Figura Disponível em <<http://criancices.wordpress.com>>, Acesso em 21 JUL 2012.
- CONTA OUTRA. figura Disponível em <<http://www.contaoutra.com.br>>, Acesso em 21 JUL 2012.
- CARTER, Peter. Figura Mies van der Rohe at work. Phaidon, Londres, 1999.
- LEAL, Rita. Figura Disponível em <<http://apescadinha.blogspot.com.br/2009/06/peter-behrens-e-walter-gropius.html>>, Acesso em 20 JUN 2012.
- MARI FUXICO. Figura Disponível em <<http://marifuxico.blogspot.com.br>>, Acesso em 21 JUN 2012.
- ESQUEMA. Figura Disponível em: <www.oesquema.com.br>, Acesso em 21 JUN 2012.
- SAVION. Figura disponível em <www.savion.com.br>, Acesso em 21 JUN 2012)